

## ICONICIDADE COMO POSSIBILIDADE DE PESQUISA QUALITATIVA DA HIPNOSE<sup>1</sup>

Mauricio da Silva Neubern<sup>2</sup>

*Universidade de Brasília (UnB), Brasília-DF, Brasil.*

**RESUMO.** O presente trabalho busca apresentar a iconicidade, enquanto noção semiótica, como possibilidade de pesquisa qualitativa para a hipnose, compreendida aqui como processos que abrangem modos específicos de comunicação e a emergência do transe. Por meio de noções-chave da semiótica e da complexidade, ele discute algumas vinhetas clínicas de hipnose nas quais a noção de iconicidade e os conceitos a ela ligados oferecem consideráveis possibilidades explicativas. Em seguida, esboça como a noção de informação, em termos qualitativos, materiais e interpretativos pode oferecer importantes elementos para a construção de uma pesquisa qualitativa da hipnose. Este momento é discutido e problematizado com outras perspectivas de pesquisa qualitativa, visando-se destacar a potencialidade explicativa e metodológica da noção de informação. O trabalho é concluído ressaltando que, apesar de a iconicidade ainda não ter se estabelecido como possível noção importante para a pesquisa qualitativa, ela possui características e potencialidades que lhe permitirão investigações de grande pertinência neste campo.

**Palavras-chave:** Psicologia clínica; hipnose; pesquisa qualitativa.

## ICONICITY AS A POSSIBILITY OF QUALITATIVE RESEARCH OF HYPNOSIS

**ABSTRACT.** The present work seeks to present iconicity, as a semiotic notion, as a possibility of qualitative research for hypnosis, understood here as processes that cover specific modes of communication and the emergence of trance. Through key notions of semiotics and complexity, the present study discusses some clinical vignettes of hypnosis in which the notion of iconicity and the concepts attached to it offer considerable explanatory possibilities. Then, it outlines how the notion of information in qualitative, material, and interpretive terms can provide elements for the construction of a qualitative research on hypnosis. This moment is discussed and problematized with other perspectives of qualitative research, aiming to highlight the explanatory and methodological potentiality of the notion of information. The paper concludes by pointing out that, although iconicity has not yet been established as a possible important notion for qualitative research, it has characteristics and potentialities that will allow investigations of great pertinence in this field.

**Keywords:** Clinical psychology; hypnosis; qualitative research.

## ICONICIDAD COMO POSIBILIDAD DE INVESTIGACIÓN CUALITATIVA PARA LA HIPNOSIS

**RESUMEN.** Este estudio tiene como objetivo presentar la iconicidad como noción semiótica, como la posibilidad de la investigación cualitativa a la hipnosis, entendida aquí como procesos que abarcan los modos específicos de la comunicación y la aparición de transe. A través de nociones clave de la semiótica y de la complejidad, discute algunos casos clínicos de la hipnosis en el que la noción de iconicidad y conceptos vinculados a la misma ofrecen considerables posibilidades explicativas. A continuación, se describe cómo la noción de información, en términos de calidad, materialidad e interpretación puede ofrecer elementos para la construcción de un estudio cualitativo de la hipnosis. Este punto es discutido y cuestionado con otros puntos de vista de la investigación cualitativa, con el objetivo de poner de

---

<sup>1</sup> *Apoio e financiamento:* Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Este trabalho deriva do pós-doutorado do autor (Estágio Sênior, CAPES 2015/2016) realizado no Centre Edgar Morin (CEM), École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris, França, sobre Hipnose, Dores crônicas e Complexidade.

<sup>2</sup> *E-mail:* mauricio.neubern@gmail.com

relieve el potencial explicativo y metodológica del concepto de información. El estudio se concluye señalando que, aunque esta idea aún no se ha establecido como la investigación cualitativa, que tiene características y capacidades que le permiten una gran relevancia de la investigación en este campo.

**Palabras-clave:** Psicología Clínica; hipnosis; la investigación cualitativa.

---

## Introdução

O interesse pela hipnose retomado nos últimos 20 anos é profundamente marcado por um considerável fosso entre pesquisadores e clínicos. Enquanto os primeiros, geralmente em inspiração médica e cognitiva, preocupam-se com avaliação de eficácia (Jensen & Patterson, 2014), os segundos parecem se interessar sobremaneira pelo desenvolvimento de técnicas de eficácia clínica (Neubern, 2016a). Malgrado semelhante interesse porte grande importância para o campo, situando a hipnose como foco de pesquisa e formação clínica, ele também reedita a dicotomia entre teoria e prática ou pesquisa e aplicação (Morin, 2001), de certa forma desconsiderando a dimensão subjetiva da hipnose (Neubern, 2016a). Processos destacados por nomes fundamentais no campo (Erickson & Rossi, 1979; Roustang, 2015) como a influência mútua, a comunicação hipnótica, a corporeidade, o papel do sujeito, o emocional, a produção simbólica, os fenômenos hipnóticos e o inconsciente são largamente excluídos enquanto temas de reflexão e pesquisa.

Nesse sentido, se por um lado, a crítica ao uso da teoria por parte dos clínicos tem resultado como certo desprezo pela reflexão, por outro, as ciências sociais e humanas não têm mostrado interesse na hipnose como prática social. A reflexão e a pesquisa qualitativas (Creswell, 2013; Denzin, 2014) e quiçá clínicas (Lévy, 1997), cujas propostas podem se voltar para tais aspectos da subjetividade, parecem permanecer indiferentes a tais processos, deixando de lado um campo de grande relevância científica (Stengers, 2001; Neubern, 2016b). Logo, a despeito da considerável tradição de pesquisa sobre transe ritual (Mancini & Faivre, 2012), o campo clínico da hipnose não parece despertar o interesse dos pesquisadores qualitativos que muito teriam a dizer sobre o mesmo.

A iconicidade, que consiste na capacidade dos signos em transmitir as qualidades dos objetos que representam (Nöth, 2015), pode se constituir como uma alternativa interessante para a pesquisa deste campo. Estudos baseados na perspectiva da iconicidade têm trazido contribuições significativas em semiótica, literatura e linguística, artes e filosofia (Hiraga, 2005; Jappy, 2013). Isto porque, além de referir-se, enquanto processo semiótico, a diferentes níveis de organização da comunicação e da experiência humana (Colapietro, 1995), ela também aponta uma relação subliminar entre os processos qualitativos da comunicação e a dimensão emocional e inconsciente do sujeito (Neubern, 2016b). Grosso modo, a própria constituição dos signos presentes numa sugestão hipnótica teria a iconicidade como fundamento básico, o que poderia favorecer o acesso diferenciado a processos centrais da experiência de transe, constituída principalmente pelos sentimentos.

Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo destacar a iconicidade (Jappy, 2013; Nöth, 2015) como uma possibilidade de pesquisa qualitativa para a hipnose. Para tanto, busca apresentar algumas noções-chave, como signos (ícones, índices, símbolos e hipoícones), tipos de experiência (primeiridade, secundidade, terceiridade), informação e transe, ligadas à noção de iconicidade capazes de promoverem a pesquisa clínica e qualitativa tanto em seus processos de reflexão, como de diálogo com o empírico. Essas noções partem, em sua maioria, da semiótica de Peirce (1993; 1998; Jappy, 2013; Nöth, 2015) e, em alguns momentos, do pensamento complexo de Morin (1996; 2001; Neubern, 2016a). Serão apresentados alguns atendimentos clínicos de Milton Erickson, nos quais se destacam os papéis da iconicidade nas sugestões e, em seguida, discutida a noção de informação de inspiração peirceana (Mladenov, 2014), como um possível elemento para a construção de uma pesquisa no objetivo aqui proposto.

Duas ressalvas se fazem necessárias nesse sentido. Primeiramente, não se propõe uma metodologia já estabelecida, mas possibilidades para uma pesquisa qualitativa. Isto porque além da própria semiótica ainda se constituir como “uma ciência por se fazer” (Santaella & Nöth, 2004, p. 71), ela também ainda não possui uma concepção própria sobre a subjetividade humana, apesar de esforços significativos nesse sentido (Colapietro, 1989; 1995). Isso é o que justifica, portanto, a restrição da

iconicidade aos processos de comunicação, enquanto as noções de subjetividade e transe serão tomadas de uma ótica complexa (Morin, 1996; 2001; Neubern, 2016a). Em segundo lugar, os atendimentos de Erickson serão utilizados como ilustração porque possivelmente este autor seja o que melhor facilite uma abordagem a partir da iconicidade, dado o caráter metafórico presente em sua obra (Erickson & Rossi, 1979), que não parece ocorrer na mesma intensidade nos demais grandes autores da área.

## Hipnose e iconicidade

O transe se caracteriza por uma espécie de descentramento do *eu*, isto é, um processo no qual este *eu* deixa de ser o pretense centro de poder e decisão com o qual o sujeito se identifica, para se colocar de modo mais ou menos passivo diante da emergência de outros processos (Neubern, 2016a). As referências que pautam a relação deste *eu* com o mundo (tempo, causa, matéria, outro e espaço) passam por consideráveis alterações e são seguidas pela emergência de uma polifonia, ao mesmo tempo individual e cultural, que parece pouco visível à lógica individualista das sociedades contemporâneas: pode surgir alguém íntimo da história do sujeito, como um amor (portanto, um *tu*), um santo ou espírito que representa um pertencimento cultural (um *nós*) ou ainda processos filogenéticos, como anestesia e analgesia que remetem à herança animal do homem (um *isso*).

Contudo, é importante destacar que, em face de tamanha polifonia, o papel do *eu* durante o transe pode ser um tanto quanto variado. Ele pode se constituir como um mediador entre diferentes demandas, como entre uma missão espiritual e as necessidades individuais (Nathan, 2004); ele pode se colocar como alguém que estabelece decisões após conflitar ou negociar com outras vozes; pode aprender a acessar processos filogenéticos de grande auxílio terapêutico; pode ser escravizado por essas outras vozes e também se constituir como um representante de seus nichos de pertencimento. Não sem razões, é possível conceber que este *eu* é marca identitária de um sujeito singular e individualizado, mas também um representante das trocas sociais significativas que o precederam (Morin, 2001).

A comunicação hipnótica, por outro lado, será aqui concebida a partir da iconicidade enquanto processo semiótico (Jappy, 2013; Nöth, 2012; 2015; Peirce, 1998). Cada gesto, palavra, entonação de voz, figura de linguagem e papel dramático que induzem ao transe constituem-se enquanto signos, isto é, aquilo que representa um objeto e produz um efeito na mente do interlocutor (interpretante). No que se refere à relação com o objeto representado, os signos constituem-se enquanto ícones, que se ligam qualitativamente a seus objetos (como um desenho não muito detalhado de uma pessoa, adjetivos, advérbios e verbos), índices, que se ligam ao objeto de modo físico ou funcional (como pegadas na areia ou a indicação de 01 termômetro, pronomes relativos e demonstrativos) e símbolos (que os representam por leis, hábitos e convenções, como palavras e discursos). É importante destacar que, de um ponto de vista lógico, índices sempre possuem ícones, enquanto símbolos comportam ícones e índices, o que permite conceber que, de alguma forma, a iconicidade sempre está presente nos processos de comunicação humana, inclusive da hipnose (Neubern, 2016b). Vale lembrar ainda que os signos comumente se articulam e formam configurações mais amplas, as formas semióticas (Jappy, 2013) que compõem a heterogeneidade dos processos comunicacionais cotidianos.

Há aqui uma característica interessante para o estudo da hipnose ainda pouco explorada (Neubern, 2016b): os signos ligam-se logicamente a diferentes dimensões da experiência humana (Peirce, 1993), a saber, a primeiridade ou *firstness* (ícones, sentimento, potencialidade ainda não existente, presente), a secundidade ou *secondness* (índices, reação, fenômenos singulares concretos) e a terceiridade ou *thirdness* (símbolos, pensamento, leis, hábitos que permitem perspectiva futura). Tal perspectiva parece muito pertinente para o tema, uma vez que destaca que a iconicidade faz referência ao acesso a uma dimensão fundamental da subjetividade – o sentir – imprescindível para desencadear o transe (Erickson, 1964; Roustang, 2015), mas também a uma variedade de concepções possíveis de transe que podem envolver o automatismo e a redundância de índices (Erickson, 1964), como ainda suas características simbólicas e espirituais (Erickson & Rossi, 1979; Neubern, 2016a).

No entanto, a iconicidade traz ainda outra potencialidade importante para a pesquisa da comunicação hipnótica de Erickson – a noção de hipoícones (Peirce, 1998), ou seja, os ícones impuros por possuírem um substrato concreto, dado que os ícones puros só ocorreriam na imaginação do sujeito.

Os hipóícones, também concebidos nessa tricotomia, seriam as imagens que remetem à *primeira-primeiridade* (que apresentam semelhanças qualitativas quanto a seus objetos, como os adjetivos), os diagramas, como *segunda-primeiridade* (que apresentam as relações funcionais entre os componentes dos objetos, como as descrições ou narrativas de acontecimento) e as metáforas, como *terceira-primeiridade* (que representa num só signo a justaposição de 02 campos distintos). Assim, na metáfora *o amor é cego*, utilizada para ilustrar as posturas de insensatez e más escolhas de quem ama, há a justaposição entre um campo (o comportamento, a moral) e outro campo (a limitação física, a cegueira). As alegorias são uma variação das metáforas (Jappy, 2013), pois, embora essa justaposição não ocorra no signo expresso, elas se dão na subjetividade da pessoa enquanto interpretante, desde que esta pessoa possua conhecimentos prévios sobre os referidos campos. É o caso das fábulas de Êsopo, de La Fontaine, de textos religiosos e de muitas músicas que cantam uma letra referindo-se a outra situação implícita (Neubern, 2016b).

### Esboçando a pesquisa: conceitos-chave

Tais perspectivas apresentam-se pertinentes para a pesquisa da hipnose, uma vez que remetem a uma ligação de grande relevância entre as sugestões e o transe. Essa relevância se dá, sobretudo, por conta da iconicidade que está presente nas sugestões e acessa dimensões profundas e inconscientes do sujeito, principalmente envolvendo os sentimentos (Neubern, 2016b). É possível conceber, desse modo, que as sugestões hipnóticas, em sua variabilidade, possuem um potencial de produção de experiência significativo que permite a compreensão pertinente do que possa ocorrer ao sujeito.

Nas sugestões a seguir, há o que Erickson (1964,) nomeia como truísmos (afirmações óbvias) e entremeamentos (alteração de tons de voz e pausas em certos trechos da fala, em itálico na citação) direcionados a um paciente intensamente ansioso.

Você está convencido de que é resistente à hipnose, que outros terapeutas falharam com você, a despeito de muitos esforços para o induzirem ao transe. (...) E você expressou sua convicção de que eu não posso induzi-lo ao transe e, com a mesma franqueza, creio que você resistirá a toda tentativa que lhe propuser, apesar de seu desejo em cooperar. *Contudo, como você veio à terapia, e você atesta ser um paciente resistente e não cooperativo, deixe-me explicar algumas coisas antes de começarmos.* Então, *eu posso ter sua atenção* apenas sente-se deixando os pés com as solas no chão, suas mãos repousadas sobre as coxas e *não deixe suas mãos se tocarem em nenhuma hipótese.* (pp. 301-302).

De um modo geral, a estrutura dessa sugestão pode ser concebida como um diagrama, em que há o relato de fatos e uma característica fundamental dos signos da secundidade que é a de fixar a atenção do interlocutor – ponto de grande importância para se desencadear o transe (Erickson & Rossi, 1979). No caso, há um relato de elementos óbvios trazidos pelo próprio paciente que fixam sua atenção e parecem deixá-lo, de alguma forma, responsivo ao terapeuta. No entanto, a organização desse relato não é feita ao acaso: as frases óbvias são ordenadas pelo terapeuta e recortadas com entremeamentos que parecem constituir uma significativa diferença quanto ao discurso original do paciente, uma vez que se trata de sugestões que o conduzem ao transe, ao contrário de sua inaptidão e resistência. Há mesmo um teor alegórico subliminar nestas frases, como no caso do *“antes de começarmos”* que espelha iconicamente a antecipação típica dos ansiosos e *“não deixe suas mãos se tocarem em nenhuma hipótese”* que espelha da mesma forma ao contato entre as dimensões consciente (na qual tenderiam a racionalizar) e inconsciente (em que poderia se permitir vivências mais espontâneas).

Outro exemplo significativo de comunicação hipnótica encontra-se no caso atendido por Erickson (Erickson & Rossi, 1979) em que uma jovem culta e paraplégica, vivendo em incontinência urinária e fecal, cogitava em desistir da vida, pois sua condição de *feiura, incapacidade e deformidade* a impedia de realizar sonhos como os de se casar e ser mãe. Em um dado momento do processo, no qual a jovem já está em transe, Erickson (Erickson & Rossi, 1979) parece abusar de metáforas e alegorias.

Homens são criaturas curiosas, pois poderão se sentir atraídos e se casar com qualquer coisa que se pareça uma fêmea. Imagine um homem em seu juízo se atrair por uma mulher ornitorrinco dos Ubangi, *mas eles fazem isso.* (...) E o que um vê no outro é difícil de saber, mas *o amor é cego, dizem as*

*autoridades*. E, por favor, não tente dizer ao Sr Hipopótamo que a Sra Hipopótamo não possui um belo sorriso. (...) Temos que agradecer à curva de Gaussian, a *curva da distribuição natural*, que nos permite dizer que ‘para cada Rachel há um Reuben e para cada Reuben há uma Rachel’. ‘Oriente é oriente e ocidente é ocidente e nunca se encontrarão’ não foi dito para homens e mulheres. (pp, 433-434).

No trecho acima, a sequência de diagramas, metáforas e alegorias possuem um considerável teor de iconicidade à medida que fazem referência a pessoas e seres fora do padrão de beleza que, como a jovem paciente, possuem desejos de se unirem amorosa e sexualmente a alguém. Entretanto, a diferença aqui se faz presente, pois todos os protagonistas apresentados conseguem realizar a união, apesar de suas condições aparentemente impeditivas. A iconicidade, portanto, encontra-se tanto na condição desfavorável dos protagonistas e da jovem, como entre a realização dos desejos presentes também em ambos, elementos que parecem ter possuído grande impacto em seus sentimentos. Certamente, outros elementos que parecem exigir certo nível de formação intelectual, como as referências a tribos longínquas, animais, autoridades e curva de Gaussian podem ter possuído papel importante para tal ligação entre as histórias e mundo de experiências da jovem.

Diferentemente do exemplo anterior, estas formas semióticas não foram aqui utilizadas com o intuito de fixar a atenção a fim de desencadear o transe, mas como uma espécie de alternativa para a resolução simbólica de um impasse vivido pela jovem. A enxurrada de exemplos direcionados a ela, com forte repercussão emocional dada sua iconicidade, apresentam a diferença num plano essencialmente simbólico, fazendo com que sua produção subjetiva saísse de uma significação “sou feia, incapaz e não me casarei” para “estou fora do padrão de beleza e normalidade, mas poderei me casar”. Vale destacar que, apesar da relação facilmente perceptível entre tais sentenças e a configuração de sua experiência, a hipnoterapia da jovem foi encerrada com um processo de amnésia, de maneira que dez anos após sua terapia ela já estava casada, com quatro filhos e não guardava lembrança sequer de ter sido paciente de Erickson. Semelhante reconfiguração parece ter tido suas raízes em processos emocionais profundos e inconscientes a seu *eu*, cujas decisões, no entanto, pareceram ter seguido fielmente a mudança ali iniciada.

As análises até aqui desenvolvidas não devem significar que a semiótica da hipnose se restrinja a signos verbais, gramaticais e à prosódia, pois, como destaca Neubern (2012), a obra de Erickson é caracterizada por uma dimensão dramática, na qual o terapeuta adota papéis terapêuticos específicos como modo de influenciar o paciente. O mesmo autor também a caracteriza posteriormente pela expressão *clínica do mostrar* (Neubern, 2016b), que se refere a como as diferentes ações do terapeuta que compõem os papéis dramáticos se dispõem a apresentar, sem explicar, as mensagens endereçadas àquela pessoa em particular. A perspectiva de um *mostrar* se reveste aqui de um considerável apelo à iconicidade, uma vez que o terapeuta se coloca, sem nada explicar ao paciente, numa posição ou modo de relação semelhante ao de algum personagem importante de sua história de modo a favorecer a criação de alguma alternativa para sua demanda ou problema.

É o que ocorre, por exemplo, no caso de Pietro (Erickson, 1958, citado por Haley, 1985), um jovem flautista talentoso que havia buscado a terapia por conta de um intenso inchaço no lábio inferior que inviabilizava o uso da flauta. Em função de uma vida marcada pela figura de um pai tirânico e controlador, Erickson adota uma postura relativamente autoritária, mas ao mesmo tempo, oferece-lhe a possibilidade de revidar seus comandos com vários tipos de agressões verbais, por vezes feitas como brincadeiras. Após alguns meses de terapia, quando Pietro se preparava para dizer que Erickson deveria ser um péssimo pai, ele se voltou a seu terapeuta e arrematou: “mas você não é o meu pai!” (p. 93), ao que Erickson assentiu para, em seguida afirmar que, após todo este trabalho, ele teria condições de conversar com seu pai como um adulto, sem toda a agressividade que havia apresentado no consultório. Poucas semanas após este episódio, seu lábio voltou ao normal e Pietro pôde retomar sua carreira como músico.

Neste caso, os signos que compõem este papel autoritário do terapeuta parecem reverberar numa figura muito presente no mundo vivido do músico que, apesar de uma influência opressora, parecia ser cercada de defesas contra toda uma agressividade gerada pelo paciente como reação a tal modo de relação. Ao trazer a figura do tirano, encarnando-a como um papel, Erickson também permitiu um caminho para que tal agressividade viesse à tona e fosse, de alguma forma, trabalhada durante as

sessões, de maneira a prepará-lo para a possibilidade de uma conversação real mais adiante. Em suma, *o mostrar* parece evocar, pela iconicidade, tais figuras e modos de relação, ao mesmo tempo em que também inclui, na construção deste papel, a possibilidade de alguma mudança significativa que possa fazer diferença em termos terapêuticos.

Os três exemplos aqui discutidos podem ser, de algum modo, sintetizados na frase de um antigo paciente do autor que relatava que, *durante a hipnose, ele parecia ver um filme em sua mente, enquanto o autor descrevia outro filme lá fora*. As diferentes formas semióticas presentes no processo da comunicação hipnótica parecem, desse modo, constituir-se como um roteiro que se assemelha e evoca o drama presente no mundo de experiências do sujeito que, porém, no transe o vivencia de modo mais intenso e vívido, devido às alterações que caracterizam tal experiência. No entanto, dado que este mundo possui uma infinidade de vivências que ficam à sombra da lógica dominante no mundo do sujeito, o processo terapêutico pode também evocar, por iconicidade, outras experiências deste mesmo mundo, de maneira a desafiar esta lógica e propor mudança terapêutica. Este filme imaginário da experiência do sujeito possui, portanto, cenas, significados, imagens, emoções e personagens até então escondidos, ou seja, formas semióticas de grande pertinência para o sujeito, que podem ser convidados a compor novo roteiro e estabelecer uma mudança terapêutica.

### Iconicidade e informação

O até aqui desenvolvido não deve significar que a pesquisa da iconicidade se limite ao mapeamento e classificação dos signos na hipnose, mas há uma lógica, segundo a qual os sentimentos tem papel central na comunicação e no transe. Como um ponto inicial desta reflexão, cabe aqui destacar a noção de informação (Mladenov, 2014), sem deixar de se levar em conta que a pesquisa envolve uma constelação de conceitos e ações, cuja amplitude não caberia nos limites deste trabalho (Creswell, 2013; Denzin, 2014; Lévy, 1997). De modo geral, a informação consiste numa construção que busca estabelecer relações entre diferentes indícios do empírico, como também com a construção de pensamento do pesquisador (Demo, 2001; Gonzalez Rey, 2005). Fugindo, portanto, da armadilha dos dados crus que se autoexplicam e apelam para uma pretensa autoridade, ela se torna de grande relevância no atual panorama das pesquisas como uma forma de se evitarem imposições narrativas e explicações autoevidentes que mais parecem reproduzir as *thematias* ou ideias fixas do pesquisador (Morin, 2001) do que estabelecer um diálogo com o empírico.

Mladenov (2014), numa interpretação sobre a noção de informação em Peirce, concebe-a como a “soma das proposições sintéticas em que o símbolo é sujeito ou predicado, ou a informação concernente ao símbolo.” (p. 38), sendo que, além das sintéticas, há as proposições conotativas e denotativas<sup>3</sup>. A conotativa implica um teor de profundidade, portanto, mais ligada à primeiridade e aos sentimentos; a denotativa, no qual há uma perspectiva de extensão, que envolve a multiplicidade de informações entre dois termos, logo, típica da secundidade; e sintética, que envolve as anteriores, sendo assim mais próxima de uma lógica de terceiridade. Apesar de tal noção ainda não ter sido desenvolvida em termos do que atualmente se compreende enquanto pesquisa qualitativa (Creswell, 2013; Sardan, 2015), principalmente quanto à hipnose, é possível concebê-la aqui como uma referência central para tanto, inclusive pela série de outros conceitos-chave que a acompanham como necessidade lógica.

Desse modo, uma das primeiras possibilidades para as quais a iconicidade aponta é o da qualidade da informação. Nos exemplos citados, quando Erickson (1958, citado por Haley, 1985), numa clínica do mostrar, se coloca como uma figura autoritária espelhando o pai de Pietro, abre espaço para a investigação de uma teia de signos ligados a uma dimensão qualitativa da informação. Do ponto de vista do terapeuta, há uma série de processos que permitem a construção deste papel: a postura de se deixar tocar emocionalmente pelo paciente, numa atitude, na qual, por meio da relação, ele se dispõe a apreender o que este outro lhe traz, como se o pudesse conceber em seus próprios sentimentos, com pouca ou nenhuma interferência direta do pensamento consciente. É um modo do terapeuta se conectar e, até certo ponto, mergulhar com sua própria primeiridade, o que permite uma forma de percepção diferenciada do outro. Trata-se do que alguns terapeutas informalmente costumam denominar como

<sup>3</sup> Certamente, o tema das informações em Peirce é bem mais amplo (Nöth, 2012), mas neste trabalho será restrito aos aspectos aqui destacados.

*feeling*, uma espécie de percepção emocional e intuitiva do outro e do contexto e que, no caso de Erickson, parecia ser muito precisa. A partir desta forma de relação, que pode se constituir como um tipo mais ou menos radical de transe do terapeuta (Neubern, 2016a), há um processo criativo de construção da personagem, no qual o terapeuta passa a encarnar, a partir de sua forma de ser autoritário, a figura do pai de Pietro, de modo a buscar uma reverberação no mundo deste.

Do ponto de vista do paciente, a construção das informações refere-se, sobretudo, àquilo que é mostrado em suas ações, que escapa à sua intencionalidade e por vezes adquire um caráter espontâneo. O que ele apresenta frente ao terapeuta, em certas condições, são signos que remetem a processos profundos de outras formas de conversação e vinculação emocional em sua vida (Colapietro, 1989), mas que, em larga medida, estão fora de suas cogitações conscientes. Embora Pietro pudesse se sentir incomodado com a tirania de seu pai, dificilmente conseguiria assumir seus ressentimentos e agressividade quanto a ele, nem mesmo conceber que seu sintoma estivesse configurado com tais sentimentos.

A partir de um exercício hipotético<sup>4</sup>, seria possível conceber que signos ligados à primeiridade (como ícones e imagens) que perpassam ambas as experiências, como “oprimido, aprisionado”, “aperto no peito”, “bloqueio”, “ressentimento”, “repressão” poderiam contribuir para a construção de proposições conotativas que talvez tenham sido formuladas por Erickson, como “ele se sente oprimido pelo pai”, levando-o a uma proposição sintética como “assumirei o papel do pai para reproduzir a opressão, mas favorecendo a expressão dos ressentimentos reprimidos”. Assim, a qualidade da informação parece se ligar a processos semióticos de uma troca intersubjetiva profunda entre os protagonistas – o toque de almas (Neubern, 2016b) – a uma evocação emocional do terapeuta a partir de sua presença junto ao paciente, à criação de um campo relacional primeiro entre eles (Ferro & Basille, 2015), a construção de uma personagem que é mostrada, mas não explicada, como também a processos espontâneos do paciente, que apontam para a singularidade da subjetivação de seu mundo, antes e durante o transe.

Outra possibilidade trazida pela iconicidade é a materialidade da informação, que diz respeito a seu substrato físico ou, na condição semiótica, o signo existente e singular (Jappy, 2013). No caso dos truísmos e entremeamentos frente a um paciente ansioso, como relatado mais acima (Erickson, 1964), os referidos diagramas e índices conseguem fixar sua atenção, envolver suas resistências e conduzi-lo sutilmente a um processo de transe. No tocante ao terapeuta, a informação se entrelaça a um processo de percepção de signos (principalmente índices) que envolvem processos não verbais (tonalidade de voz, pausas, posturas, movimentos, modos de fixar a atenção), formas de relação, modos de construção da fala e do pensamento e uma diversidade de sinais sobre o próprio contexto. Trata-se de um momento da pesquisa no qual há predomínio descritivo e denotativo que situa o pesquisador nessa realidade.

Há também grande variabilidade de índices típicos do transe (Erickson & Rossi, 1979), como a máscara hipnótica, alterações reflexas na glote, modificações da percepção temporal, os espasmos musculares sob a pele da face, espasmos dos dedos, mudança do ritmo respiratório, dentre outros. O paciente, por sua vez, apresenta ao terapeuta seu aspecto *reativo*, portanto, referente à secundidade, que também possui espontaneidade, mas se apresenta prioritariamente em função do jogo relacional que se estabelece com seu interlocutor. A coreografia relacional que se desenha entre eles confere caráter de dependência entre eles no que se refere à construção da informação.

Deve-se destacar que a coreografia entre terapeuta e paciente não implicam uma atitude mecânica e puramente intelectual, notadamente por conta da iconicidade aí presente. Isto porque os diagramas e índices utilizados envolvem a própria corporeidade do terapeuta, o que demanda conexão emocional com o outro. Sem tal condição, a simples expressão de truísmos pode soar ao paciente como manipulação técnica, uma vez que não parece remeter a uma consideração mais profunda de seu mundo. A conexão emocional, muito presente no *rapport* da hipnose, ou seja, um jogo interativo em que há forte responsividade entre os interlocutores (Erickson, 1964), parte de primeiridade aí presente e das semelhanças entre os signos apresentados pelo terapeuta e os processos vivenciados pelo paciente. Daí porque a informação, neste momento, refere-se a signos dessa relação específica e do contexto que a permeia que compõem configurações semióticas complexas do processo relacional.

<sup>4</sup> Na proposta deste trabalho, o exercício é hipotético porque não se dispõem de mais elementos dos casos discutidos para se construir devidamente as proposições e informações.

Frequentemente, a dimensão material da informação parece ser um problema para as pesquisas em ciências humanas que, quando não parecem ignorá-la, reduzem-na intensamente quanto a sua complexidade, sendo concebida como estímulo, *input* cognitivo ou ainda como registro escrito ou gravado. No caso da hipnose, tal restrição empobrece sobremaneira a pesquisa de processo que implica imagens, sons, silêncios, cores, odores, temperatura, movimentos e ritmos (Roustang, 2015), ou seja, signos são de grande pertinência para a experiência vivida naquele momento. Certamente, o teor material da informação não garante a determinação de tais processos e, em consequência, uma interpretação confiável dos processos que lhes seguem. Entre comunicação e experiência não existe linearidade, pois em ambas há processos autônomos e criativos que lhes conferem caráter nada desprezível de indeterminação (Bergman, 2009; Morin, 2001; Neubern, 2016a).

Na mesma ótica de um exercício hipotético, o caso do paciente ansioso de Erickson (1964), obrigou-o a sensações que parecem tocar sua corporeidade, o que ao mesmo tempo em que envolve a sensibilidade (Neubern, 2012), remetem ainda a uma necessidade descritiva de observação. Tais sensações de impacto podem ter levado o terapeuta a produzir proposições denotativas com forte apelo descritivo, como “ele diz ser resistente à hipnose”, “ele afirma que outros profissionais falharam”, “e que eu também falharei”, “mas ele veio à terapia” e “sempre antecipa os acontecimentos”. E como proposição sintética, poderia formular algo como “expressarei esta sequência de truísmos para ele e, sob entremeamento, enfatizarei o fato de ter vindo à terapia. Em seguida, utilizarei frases que fixam sua atenção no óbvio, intercaladas com frases que atestam que ainda não começamos a trabalhar com hipnose, embora a indução hipnótica já esteja acontecendo.”

Há, desse modo, uma construção de informação que se articula com a descrição do que é vivenciado na relação terapêutica. A iconicidade está numa espécie de reação que se assemelha às expressões do sujeito, como se as espelhasse, mas que não deixa de acrescentar algumas diferenças de expressão. Estes signos são de grande importância para uma construção mais refinada da informação, seja quanto a questões voltadas para a concepção do contexto relacional (Neubern, 2016b), seja no tocante a identificação de problemas típicos do transe, como a complacência (Stengers, 2001), condição na qual o paciente intencionalmente atende às expectativas do terapeuta, e a diferenciação entre transes legítimos e simulacros.

Conceber a dimensão material dos signos, com todo seu apelo ao descritivo, não esgota o problema da pertinência da informação, mas apenas compõe um de seus momentos. Se em termos semióticos, este seria o nível das proposições sintéticas, no tocante à pesquisa qualitativa, seria o da interpretação, no qual se articulam as informações anteriores, os conceitos teóricos e os sentidos produzidos pelo sujeito. Isto porque os signos precisam se configurar em proposições mais amplas que se referem ao sentido que emerge das informações (Kim, 2015) ou o seu potencial heurístico (Gonzalez Rey, 2005), de maneira que as informações precisam dizer algo no tocante às possibilidades de interpretar e explicar tais dimensões complexas nos processos hipnóticos numa pesquisa. As sugestões utilizadas no caso da jovem paciente de Erickson (Erickson & Rossi, 1979) consistem numa ilustração relevante nesse sentido, principalmente por conta das analogias e metáforas que lhe são apresentadas. Nas expressões em que há encontros amorosos, apesar da aparência fora do padrão de beleza ou na expressão “o amor é cego, dizem as autoridades”, há a articulação de um conjunto de signos e informações que apontam para a compreensão da construção de sentidos da jovem e das noções teóricas sobre o próprio processo hipnótico.

Por um lado, as expressões envolvem elementos de sentido para ela, posto que pessoas bizarras e feias (como ela) conseguem ver a beleza entre si e se sentirem atraídos (como ela) e estabelecer uma relação amorosa (seu desejo impedido de acontecer). A maneira como tais elementos são organizados nestas formas assemelha-se a suas configurações subjetivas sobre o tema, mas acrescentam significativas diferenças, já que apontam para possibilidades concretas de viabilizar seu desejo. A expressão “o amor é cego, dizem as autoridades”, entremeada nesta sequência, traz uma metáfora e um considerável reforço por ser proferida por autoridades (talvez psicólogos, psiquiatras e estudiosos do comportamento humano). O amor, campo dos sentimentos humanos, é associado a outro campo, a cegueira, campo de uma incapacidade física, para aludir à possibilidade de escolhas bizarras, na qual o padrão de aparência não é decisivo. Em ambos os momentos, há a compreensão dos sentidos de tal temática para a paciente, uma compreensão que passou por processos de primeiridade e secundidade

e que culmina com significativas modificações do sentido, dada as mudanças obtidas por ela em sua vida.

Por outro lado, as informações aqui também remetem a um conhecimento teórico do processo hipnótico, notadamente no que diz respeito à sublimaridade e aos processos criativos do inconsciente (Neubern, 2016a). Analogias e metáforas consistem, enquanto sugestão hipnótica, em importantes inovações de Erickson (Erickson & Rossi, 1979), pois acessam a processos profundos (por iconicidade) sem que o *eu* consciente consiga interferir, ao menos em larga escala. Ao contrário do que se dá com os comandos imperativos (ordens), o paciente tende a se identificar e não resistir, produzindo espontaneamente a partir delas, o que lhe traz ainda uma condição de autoria e não de obediência a outro externo, como no caso das ordens.

Ao mesmo tempo, do ponto de vista da produção de experiência, há uma criação que tem lugar no inconsciente, a partir de semelhantes processos, que possui considerável autonomia com relação ao *eu* consciente (Morin, 2001; Neubern, 2016a). Se as metáforas e analogias são pertinentes e acessam o paciente neste nível (por iconicidade), ele pode se apropriar delas de modo inconsciente e iniciar uma série de mudanças alinhadas com suas perspectivas e necessidades terapêuticas (Neubern, 2016b; Roustang, 2015). Essa espécie de funcionamento paralelo entre consciente e inconsciente propicia ao paciente uma experiência de que a mudança lhe ocorre de dentro para fora, sem que ele saiba como, sendo apoiada por suas novas formas de decidir e conceber a si e ao mundo.

A informação neste nível interpretativo remete ao ponto máximo da pesquisa, uma vez que envolve a utilização de conceitos teóricos em um diálogo profícuo com o empírico, o que traz basicamente duas implicações. Primeiramente, semelhante articulação não raro é problemática, por estabelecer uma tensão com os marcos teóricos de referência, levando o pesquisador a um lugar incômodo de incerteza e instabilidade. Isto porque as informações possuem um teor nada desprezível de *rebeldia* aos conceitos teóricos, o que não costuma ser bem-vindo quando o pesquisador adota uma perspectiva ingênua de submeter o mundo aos seus aportes teóricos, ao invés de concebê-los como uma possibilidade de diálogo com este mundo (Morin, 2001). Daí costumam surgir mecanismos de imposição narrativa e dogmatismo, nos quais, por um golpe de força e não por uma pertinência heurística, os conceitos do pesquisador se impõem sobre as informações, ignorando importantes facetas da realidade estudada – uma das principais razões para que importantes autores da hipnose (Erickson & Rossi, 1979; Roustang, 2015) criticassem as formas modernas de se conceber teorias.

Contudo, na perspectiva aqui apresentada, há possibilidades para que tais problemas sejam tratados de outra forma, embora o risco dogmático nunca deixe de existir (Morin, 1996). Isto porque, por um lado, sustentadas numa perspectiva pragmática (Peirce, 1998) as categorias utilizadas para construir a informação, como signos e formas, constituem-se como instrumentos abertos, uma vez que articulam elementos do empírico, sem impor conteúdos *a priori* aos mesmos. Como não há conteúdos universais, o ímpeto pela confirmação, caro a muitos pesquisadores (Sardan, 2015), pode ao menos ser sobremaneira reduzido. Por outro lado, o sujeito se torna uma condição fundamental para a pesquisa, pois é por meio de seu papel ativo e criativo (Gonzalez Rey, 2005; Morin, 2001) que ele pode se autorizar uma condição interpretativa que se fundamente numa pertinência lógica de seus argumentos face ao empírico e a suas próprias teorias. Em suma, é o sujeito quem garante que a pesquisa se realize em seu propósito principal – o pensar – fugindo ao apelo doutrinário que produz um pretenso conforto, baseado mais numa relação de poder do que de diálogo com o mundo.

Em segundo lugar, este nível implica ainda a reflexividade (Denzin, 2014; Neubern, 2016b), na qual o pesquisador se pensa na relação com o sujeito em transe. Isto se refere não apenas a mais um lugar importante assumido para a construção da informação, mas também a uma questão ética, dado que aqui não se fala de outro, mas com outro, com a perspectiva de se formar um *nós*. Nesse sentido, ética assume um sentido moral no tocante a uma responsabilidade assumida nesta relação, tanto com o outro enquanto sujeito cuja presença não deve ser desqualificada sob a pretensa autoridade do saber do pesquisador e do próprio terapeuta, mas compreendida dentro de suas próprias referências de mundo (Neubern, 2016a). Ética e pertinência metodológica coincidem aqui como necessidade de pesquisa, pois se deve colocar em questão até que ponto as narrativas do pesquisador consideram ou distorcem o mundo do paciente que se dispõe ao transe, influenciando na pertinência da informação e na qualidade do vínculo.

No entanto, as informações também envolvem a ética enquanto *ethos* no tocante ao pertencimento de mundo dos protagonistas. Isto porque, se o *eu* é também um representante (signo) de outras conversações e pertencimentos (Colapietro, 1989; Denzin, 2014; Morin, 2001), o encontro clínico e de pesquisa é também um encontro de coletividades, nas quais saberes e personagens se fazem presentes e, principalmente, pertinentes para a construção da pesquisa por meio de seus representantes. Esta dimensão de terceiridade é também um retorno à primeiridade, pois tal pertencimento não poderia ocorrer não fosse o papel dos sentimentos e das relações de iconicidade daí decorrentes (Neubern, 2016b).

### Considerações finais: da interdição à aventura

Conceber este trabalho em torno de uma perspectiva de *possibilidade* é de grande relevância no tocante à pesquisa clínica da hipnose. Isto porque, de certa forma, a iconicidade enquanto processo semiótico abre caminhos de grande valia para tanto, destacando a viabilidade da construção de uma pesquisa coerente que envolva diferentes momentos. É certo que ainda faltam se estabelecer condições necessárias para uma metodologia, como os modos de relação entre a constelação de conceitos e o empírico da hipnose, os critérios de legitimidade da pesquisa, a reflexividade do contexto, o protagonismo do sujeito e uma comunidade que partilhe desses pressupostos e permita a discussão coletiva que caracteriza a ciência (Demo, 2001). Entretanto, a própria noção de informação aqui levantada permite destacar o aspecto promissor desta proposta, ao ligar diferentes momentos e conceitos da iconicidade a processos de qualidade, materialidade e reflexão, tendo-se como palco o contexto relacional da hipnose e o cenário de pensamento do pesquisador enquanto sujeito. A construção da informação liga-se a processos de iconicidade que perpassam o subliminar da comunicação e a experiência de transe, o que consiste num passo de grande relevância para pesquisa. Por ressaltar signos de diferentes modalidades lógicas (como ícones, índices e símbolos), ela também aponta para um caminho que evita o reducionismo de uma única unidade de produção na pesquisa (Neubern, 2016b), seja ela linguística (discursiva, falada ou escrita), comportamental ou cognitiva.

Contudo, o termo *possibilidade* traz ainda outra mensagem de teor mais profundo – o de aventura e de utopia. Isto porque se um tema como a hipnose se constitui como marginalidade, não deveria implicar um rechaço histórico que ainda se mantém na atualidade por meio de tabus e interdições (Stengers, 2001), mas um desafio para que a própria ciência pudesse se repensar e crescer a partir de suas limitações e fracassos. A proposta de pesquisa aqui discutida, portanto, consiste nessa aventura, uma vez que coloca processos tão marginais aos olhos modernos (como a iconicidade, a subjetividade, os sentimentos e o transe) como foco central de geração de suas ideias que, sem a perda do rigor e da responsabilidade, mantém-se comprometida com a criação e o pensamento. Talvez apenas assim torne-se possível a compreensão mais abrangente e racional sobre aquilo que a hipnose representa enquanto campo de estudo e o que ela diz das próprias instituições que produzem psicologia e ciência em geral.

### Referências

- Bergman, J. (2009). Peirce's philosophy of communication. New York: Continuum.
- Colapietro, V. (1989). Peirce's approach to the self. New York: Suny.
- Colapietro, V. (1995). Notes for a sketch of a peircean theory of the unconscious. Transactions of The Charles Peirce Society, 31(3), 482–506.
- Creswell, J. (2013). Qualitative inquiry and research design. London: Sage Publications.
- Demo, P. (2001). Pesquisa e informação qualitativa. Campinas, SP: Papyrus.
- Denzin, N. (2014). Interpretive autoethnography. London: Sage Publications.
- Erickson, M. (1964). An hypnotic technique for resistant patients. The American Journal of Clinical Hypnosis, 7, 8–32.
- Erickson, M., & Rossi, E. (1979). Hypnotherapy: an exploratory casebook. New York: Irvington.
- Ferro, A., & Basille, R. (2015). Le champ analytique. Montreuil, (ESTADO ?): Ithaque.
- Gonzalez Rey, F. (2005). Pesquisa qualitativa e subjetividade. São Paulo: Thomson.
- Haley, J. (1985). Conversations with Milton Erickson. (Vol 1). New York: Triangle Press.
- Hiraga, M. (2005). Metaphor and iconicity. New York: Palgrave.

- Jappy, T. (2013). *Introduction to peircean visual semiotics*. New York: Bloomsbury.
- Jensen, M. & Patterson, D. (2014). Hypnotic approaches for chronic pain management. *American Psychologist*, 2, 167–177.
- Kim, J. H. (2015). *Understanding narrative inquiry*. London: Sage Publications.
- Lévy, A. (1997). *Sciences cliniques et organisations sociales*. Paris: Puf.
- Mancini, S., & Faivre, A. (2012). *Des médiums : techniques du corps et de l'esprit dans les deux Amériques*. Paris: Imago.
- Mladenov, I. (2014). *Conceptualizing metaphors*. New York: Routledge.
- Morin, E. (1996). A noção de sujeito. In D. Fried-Schnitman (Org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. (J. Rodrigues, Trad). (pp. 45–58). Porto Alegre: Artmed.
- Morin, E. (2001). *La méthode V. L'humanité de l'humanité*. Paris: Seuil.
- Neubern, M. (2012). Drama como proposta de compreensão da clínica de Milton Erickson. *Interação em Psicologia*, 16(2), 307–315.
- Neubern, M. (2016a). Hipnose clínica e dores crônicas: rumo a uma perspectiva complexa. *Psicologia em Estudo*, 21(2), 303–312.
- Neubern, M. (2016b). Iconicidade e complexidade na comunicação hipnótica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32 (esp), 1–9.
- Nöth, W. (2012). Charles S. Peirce's theory of information: a theory of the growth of symbols and of knowledge. *Cybernetics and Human Knowing*, 19(2), 137–161.
- Nöth, W. (2015). The paradigms of iconicity in language and literature. In M. Hiraga (Org.). *Iconicity: east meets west*. (pp. 13–34). Amsterdam: John Benjamins.
- Peirce, C. (1993). *Writings of Charles S. Peirce*. Indianapolis: Indiana University Press.
- Peirce, C. (1998). *The essential Peirce*. Indianapolis: Indiana University Press.
- Roustang, F. (2015). *Jamais contre, d'abord. La présence d'un corps*. Paris: Odile Jacob.
- Santaella, L., & Nöth, W. (2004). *Comunicação e semiótica*. São Paulo: Hacker Editores.
- Sardan, J-P. (2015). *La rigueur du qualitatif*. Louvain (ESTADO ?): Bruylant-Academia.
- Stengers, I. (2001). Qu'est-ce que l'hypnose nous oblige à penser ? *Ethnopsy*, 3, 13-68.

*Recebido em 05/05/2017*

*Aceito em 02/09/2017*

---

*Mauricio da Silva Neubern*: Professor Adjunto, Depto de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília - UnB. <http://orcid.org/0000-0002-6971-0655>